

Depoimento no Senado é novela ética

EUGÊNIO BUCCI

Estou diante da televisão. Acompanho a reunião do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar do Senado, durante a qual o senador Antônio Carlos Magalhães presta depoimento. É um capítulo dramático do novelão em que vai se transformando a política brasileira. ACM, desta vez, parece estar no papel de vilão, como se fosse uma reencarnação trágica de um antigo personagem de Dias Gomes. Se a coisa toda fosse mesmo ficção, ele seria um Odorico Paraguau high-tech, às voltas com a violação de computadores antes inexpugnáveis. A comédia de *O Bem Amado* adquire proporções trágicas. Ou será uma farsa?

O novelão do Senado assusta. ACM fixa o olhar no interlocutor com ares de quem está disposto a esbofetear-lo. Aponta o dedo para os presentes:

“Prestem atenção, porque isso é importante.” Quando se exalta, seus dentes se projetam. “Vossa excelência parece que é escravo da minha pessoa, pelo ódio que me tem”, diz a um colega. A dramaticidade está garantida. O telespectador não tem como ficar indiferente. O show é quente. Além da TV Senado, canais comerciais entram em rede.

O espetáculo é tão eficiente que parece mesmo um entretenimento de primeira. Desde sempre, os dramalhões de TV lançam mão de personagens chantagistas para capturar o público. Vilões de todo o tipo acuciam os bonzinhos ameaçando revelar segredos terríveis. Toda novela tem uma carta secreta. Agora, a TV Senado oferece ao público uma narrativa recheada do mesmo suspense. Há uma lista misteriosa, na qual apareceriam os votos nominiais dos senadores a favor ou contra a cassação de Luiz Estevão. A votação deveria ter sido

**O espetáculo é
tão eficiente que parece
mesmo um entretenimento
de primeira.**

**Desde sempre, os
dramalhões de TV lançam
mão de personagens
chantagistas para
capturar o público. Vilões
de todo o tipo acuciam os
bonzinhos ameaçando
revelar segredos terríveis.
Toda novela tem uma
carta secreta.**

secreta, mas não foi. E a tal lista está sumida. A senadora Heloísa Helena, sobre quem pesa a suspeita de ter votado contra a cassação, pede para fazer uma declaração preliminar: “Não aceito ser refém da sua memória, senador. Onde está a lista?”. Aumenta a carga dramática.

O depoente alega em sua defesa que não ordenou violação alguma do painel do Senado. Mas, uma vez com a lista na mão, aceitou pacificamente o privilégio de lê-la. Depois, destruiu-a e silenciou. Segundo sua lógica, seria possível apropriar-se do produto de um delito sem ser responsabilizado por isso. Seria possível, também, destruir uma possível prova de delito sem incorrer em deslize. Essa lógica vai prevalecer? Não perca o próximo capítulo.

O problema é que isso tudo não é apenas um novelão. Ao contrário do que víamos nas histórias mirabolantes

de Dias Gomes, o que vemos agora é uma trama igualmente mirabolante, mas estritamente real. Os personagens são senadores verdadeiros, tratando de um escândalo verdadeiro. Que o público veja tudo com o entusiasmo de quem segue uma obra de suspense, acaba sendo muito bom. Motivado pelos atrativos do espetáculo ou pelos princípios da cidadania, tanto faz, o país inteiro segue de perto as investigações. Se a verdade for esclarecida, melhor para a democracia. Se for mascarada, num clima de confraternização entre os representantes do povo, pior para o Senado. Diante da ficção, a gente ri. Outras vezes sente medo. Diante dessa novela ética, a gente ri pouco. Pode até chorar, de alegria ou de tristeza. Fora isso, a gente sente raiva.

Eugênio Bucci é colunista do JB e secretário editorial da Editora Abril